



## **PIERRE BAYLE E O ATEÍSMO VIRTUOSO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O VERBETE “DIÁGORAS DE MELOS” DO *DICTIONNAIRE HISTORIQUE E CRITIQUE*<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Dentre os pensadores da Antiguidade, Bayle toma Diágoras de Melos como exemplo para mostrar que ateísmo e virtude nunca foram coisas excludentes. Valendo-se de dados biográficos e históricos disponíveis à época, o filósofo de Carla constrói a sua própria imagem, isto é, desvencilhando-se de opiniões temerárias que sequer se preocuparam em ao menos questionar as imagens negativas no decorrer da história sobre a doutrina e o caráter do poeta grego. Nesse sentido, Bayle intenta mostrar que o ateísmo de Diágoras não o desviou do caminho da moral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bayle, Diágoras, ateísmo, virtude.

**ABSTRACT:** Among the thinkers of antiquity, Bayle takes Diagoras of Melos as an example to show that atheism and virtue were never mutually exclusive things. Taking advantage of biographical and historical data available at the time, the philosopher Carla builds his own image, that is, disentangling is foolhardy opinions that even bother to at least question the negative images throughout the history of the doctrine and the Greek poet's character. In this sense, Bayle attempts to show that atheism Diagoras not strayed from the path of morality.

**KEYWORDS:** Bayle, Diagoras, atheism, virtue.

---

<sup>1</sup>Quanto às siglas das obras de Bayle: *DHC* = *Dictionnaire historique et critique*; *PDC* = *Pensées diverses sur la comète*; *CPD* = *Continuation des pensées diverses*; *ESA* = *Eclaircissement sur les athées*.

“Soit qu’il un dieu, soit qu’il n’en exist point, nos devoirs seront les mêmes.”

Paul-Henri Thiry d’Holbach, *Système de la nature*, II, xii.

## 1. INTRODUÇÃO

No verbete “Diágoras” do *Dictionnaire*, Bayle afirma, baseado em um relato de Sexto Empírico, que o poeta de Melos tinha sido bastante supersticioso, mas “desde que ele viu a impunidade do homem perjuro que lhe tinha feito injustiça, sustentou que não havia deuses.”(*DHC*, 1740, II, p.282.)<sup>2</sup> A atenção que Bayle dá ao relato de Sexto Empírico é pontual: quando ele afirma que um erro não sendo vingado por um deus onisciente, isto é, que sabe tudo, logo, este deus não existe. E por quê? Justamente pelo motivo que Diágoras não crendo em divindade alguma, sabe perfeitamente o que é justo e o que injusto. Outrora sendo supersticioso, foi educado sabendo que um deus pune as más ações e contempla as boas, mas na experiência o que aconteceu foi absolutamente o inverso. Nesse sentido, na sua passagem de uma vida supersticiosa a uma concepção de mundo ateia, Diágoras jamais deixou de entender o que seria uma boa ou uma má ação. A escolha de Bayle por este episódio da vida de Diágoras foi estratégica, sendo um exemplo claro de que, mesmo não se crendo em deus algum, o discernimento do poeta grego a respeito do que é justo ou injusto não teve como critério a sua descrença, e sim o curso das coisas mundanas.

## 2. A CORRELAÇÃO POSITIVA ENTRE ATEÍSMO E VIRTUDE

Para Bayle, desde os *Pensées diverses sur la comète*, a ideia inata de um deus e

---

<sup>2</sup> “[...] mais dès qu’il eut vu l’impunité de l’homme parjure qui lui avait fait du tort, il soutint qu’il n’y avait point de Dieu.”

bons costumes nem sempre tiveram uma relação necessária. Nesse sentido, pode valer-se de tal argumento para defender os exemplos individuais de ateus virtuosos.<sup>3</sup> Aqui se delinea a seguinte temática: a coexistência entre ateísmo e moralidade não sendo mais tão suscetível de espanto como a similaridade entre religião e vicissitude, e não mais se restringindo ao plano hipotético, o filósofo de Carla cita pensadores que sustentando a sua descrença manifestamente, nem por isso enveredaram pelo caminho da depravação:

Seja o que for, dir-me-ão, seria uma estranha coisa que um ateu viva virtuosamente. É um monstro que ultrapassa as forças da natureza. Eu respondo que não é mais estranho que um ateu viva virtuosamente do que seja estranho que um cristão cometa toda sorte de crimes. Se vemos todos os dias esta última espécie de monstro, por que acreditaríamos que o outro seja impossível? Mas, para dizer algo de mais forte e que não deixe nos termos de uma simples conjectura o que argumentei no que concerne a uma sociedade de ateus, observarei que o pouco de pessoas que fizeram profissão aberta de ateísmo entre os Antigos, um Diágoras, um Teodoro, um Evêmero e alguns outros, não viveram de uma maneira que tenha feito proclamar contra a libertinagem de seus costumes. Não vejo que acusam-nos de serem distintos pelos desregramentos de sua vida como pelas aberrações espantosas de sua razão. (PDC, 2007, p. 362; OD III[PD], p.110b.)<sup>4</sup>

Note-se que a experiência nesta passagem é conclamada por Bayle. E agora, sob múltiplos aspectos: 1) mostra a discrepância entre ser religioso e ser virtuoso; 2) confirma o registro na Antiguidade da existência de ateus; 3) constata que nem sempre ateísmo e desregramento da razão foram sinônimos. Indo para além do âmbito da conjectura, Bayle cita o testemunho de diversos autores – desde Cícero à M.

<sup>3</sup> Ver propriamente artigos a respeito. MORI, G. “Bayle et Spinoza”(1999, pp. 155-188); FOUCAULT, D. “Pierre Bayle et Vanini”, In: BOST, H./DE ROBERT, P. *Pierre Bayle citoyen du monde: de l'enfant du Carla à l'auteur du Dictionnaire. Actes du Colloque du Carla-Bayle (13-15 septembre 1996)*, pp.227-241; SCHRÖDER, W. “L'athéisme comme défi pour les pionniers de la liberté de penser: deux athées spéculatifs dans le Dictionnaire historique et critique”, In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012, pp. 185-208; LAGRÉE, J. “Athéisme et idolâtrie dans l'Éclaircissement sur les athées”, in: BOST, H./McKENNA, A. *Les “Éclaircissements” de Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2010, pp. 265-297.

<sup>4</sup> “Quoi qu'il en soit, me dira-t-on, ce serait une étrange chose qu'un athée qui vivrait vertueusement. C'est un monstre qui surpasse les forces de la nature. Je répons qu'il n'est pas plus étrange qu'un athée vive vertueusement qu'il est étrange qu'un chrétien se porte à toute sorte de crimes. Si nous voyons tous les jours cette dernière espèce de monstre, pourquoi croirons-nous que l'autre soit impossible? Mais pour dire quelque chose de plus fort et qui ne laisse pas dans les termes d'une simple conjecture ce que j'ai avance concernant les moeurs d'une société d'athées, je remarquerai que ce peu de personnes qui ont fait profesison ouverte d'athéisme parmi les Anciens, un Diagoras, un Théodore, un Évhemère et quelques autres, n'ont pas vécu d'une manière qui ait fait crier contre le libertinage de leurs moeurs. Je ne vois pas qu'on les accuse de s'être distingués par les dérèglements de leur vie aussi bien que par les égarements épouvantables de leur raison.”

de Balzac<sup>5</sup> - para mostrar que um certo tipo de ateu, o que nega a existência divina, nem por isso deixa de agir moralmente, tampouco desconhece a diferença entre a justiça e a injustiça. No caso de Diágoras, além de ter a mais perfeita noção de honestidade e retidão foi capaz de propor sensatas leis às autoridades políticas de sua época. Nesse sentido, se Diágoras na Antiguidade era o ateu par *excellence* no plano especulativo, suas convicções teóricas em nada impediram de ser um de conselheiro político, preocupado unicamente com questões importantes para os cidadãos.

### 3. O VERBETE “DIÁGORAS” DO *DICTIONNAIRE HISTORIQUE ET CRITIQUE*

Diágoras foi um poeta grego nascido em Melos (465 a.C.[?]) e morto em Corinto (410 a.C.[?]).<sup>6</sup> O conteúdo de seu pensamento, mais especificamente no que concerne ao seu ateísmo, foi transmitido por fontes posteriores, e os textos que são ditos de sua autoria são questionáveis por alguns estudiosos do pensamento sofístico.<sup>7</sup> Contudo, a despeito da discussão sobre a autenticidade de seus textos, um epíteto era inseparável do nome de Diágoras, isto é, o de ateu, sendo sua suposta doutrina ou concepção sobre os deuses e religião somente conhecida por alusões ou anedotas, um *constructo* feito tardiamente pela tradição.<sup>8</sup>

<sup>5</sup>PD, §174.

<sup>6</sup> Segundo a tradição, ele morre em Corinto. Ver a respeito JOHANSEN, Mariela Wibert. *Belief, fear and manipulation: the intersection of religion and the Athenian legal system in the second half of the 5<sup>th</sup> century BCE*. Burnaby: Simon Fraser University Library, 2009, p. 92, nota 64.

<sup>7</sup> É o que diz Untersteiner, por exemplo. “Segundo a tradição, [Diágoras] tinha exposto a sua teoria no *Apopyrgitzontes logoi*, o qual a genuinidade não é toda segura: talvez um segundo título de *Phrygiot logoi*.” UNTERSTEINER, Mario. *Sofisti: testimonianze e frammenti*. Milano: Edizione Bompiani, 2009 (Bompiani Testi a fronte), p. 394, nota 5. Ver também GOMPERZ, Theodor. *Greekthinkers: a History of a Ancient Philosophy*. Bristol: Thoemmes Press: 1996, vol. I, pp. 407- 408 e a nota referente.

<sup>8</sup> Entretanto, os fragmentos do pensador grego foram reunidos por M. Winiarczyk, em *Diagorae Melii et Theodori Cyrenai Reliquiae*, Coll. BT, Leipzig 1981. In: *Diogène Laërce: vies et doctrines des philosophes illustres*. Trad. par Marie-Odile Goulet Gazé. Paris: La Pochotèque, 1999, II, p. 305, nota 1. Para Burkert, “o mais proeminente ateu do quinto século parece ter sido Diágoras de Melos, não um filósofo ou um teórico, mas um poeta. Mais tarde tornou-se uma brincadeira filológica citar os hinos ‘devotos’ aos deuses tirados de suas ‘obras’. No entanto, o seu ateísmo só pode ser apreendido através de anedotas.” BURKERT, Walter. *Greek religion*. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1985, p. 316. Ver a anedota a respeito das placas comemorativas da Samotrácia, a qual Diógenes Laércio atribuiu a Diógenes, mas “outros relacionam a palavra à Diágoras de Melos.” *Op. Cit.*, VI, p. 730, e Bayle, *DHC*, “Diagoras”, nota I. Ver também a respeito NAVIA, LUIS E. *Diógenes, o cínico*. Trad. de João Miguel Moreira Auto e Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, p. 258, nota 59, e

A questão então é a seguinte: se ele tentou defender seu ateísmo com argumentos filosóficos, os quais sendo desconhecidos à maioria dos estudiosos e somente trazidos à tona e transmitidos – fielmente ou não – por fontes posteriores, o problema é de ordem estritamente moral e prática e não teórica ou filosófica. (GUTHRIE, 1995, p. 220).<sup>9</sup> Especificamente, são dois os motivos que conduziram Diágoras ao ateísmo: primeiramente, sendo um poeta ditirâmico e temente à divindade, a partir de uma ofensa que foi feita a ele próprio, persuadiu-se da inexistência dos deuses pela prevalência da injustiça sobre a justiça dentre os homens; o segundo motivo foi a sua condenação por impiedade, ou *asebeia*, sendo oferecida uma recompensa para quem o capturasse ou o matasse devido à sua fuga da pólis.<sup>10</sup> Tendo profanado os mistérios de Elêusis, Diágoras foi submetido ao júri ateniense, tendo “excedido os limites da tolerância e despertado a ira do público.” (JOHANSEN, 2009, p. 92). O julgamento de Diágoras surgira em um contexto que o clima em Atenas estava tenso um pouco antes da expedição siciliana, estando sempre a postos para qualquer imprecisão proferida aos deuses e que conotasse maus presságios. Em outros termos, independente do motivo que fez com que fosse perseguido implacavelmente pelos atenienses, “não se pode duvidar do fato de seu completo ateísmo.” (GUTHRIE, 1995, p. 221.)

---

TARANTO, Pascal. *Du déisme à l'athéisme: la libre-pensée d'Anthony Collins*. Paris: Honoré Champion, 2000, pp. 248-253 e nota 16 em particular. Segundo Guthrie, o parco conhecimento sobre o pensamento de Diágoras para a posteridade seria o motivo de desinteresse pelo autor grego: “Uma vez que nada se conhece da mente de Diágoras a não ser o fato de sua descrença nos deuses, não pode pretender muito espaço numa história da filosofia.”. GUTHRIE, W.C.K. *Os sofistas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995, p. 221. Cf. também BRUNSCHWIG, Jacques/LLOYD, Geffroy. *Le savoir grec: dictionnaire critique*. Paris: Flammarion, 1996, p. 533.

<sup>9</sup> Para Untersteiner, o ateísmo de Diágoras “teve origem de uma amarga experiência de vida.” *Op. cit.*, p. 394, nota 5.

<sup>10</sup> Sobre a definição de *asebeia*, ver LEÃO, Delfim, F. “Matéria religiosa: processos de impiedade (*asebeia*).” In: LEÃO, D.F.; ROSSETTI, L. et alli.(Eds.) *Nomos, Direito e sociedade na Antiguidade Clássica/Derecho y sociedad en la Antigüedad Clásica*. Coimbra e Madrid: Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas, 2004, I.1, p. 2 em particular. Ver também DRACHMANN, A.B. *Atheism in Pagan Antiquity*. In: <http://www.gutenberg.org/license>, release date, March 11 2009, [Ebook 28312], pp.7-13, e também a breve alusão – mas sem dizer o motivo – de Aristófanes n’*As Aves* a tal processo e a respectiva recompensa: “Aquele que matar Diágoras receberá a recompensa de um talento.” ARISTÓFANES. *As vespas; As aves; As rãs*. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 157. Contudo, Bayle ironiza o retrato de Diágoras feito por Aristófanes: “É preciso considerar como nada o que é encontrado nos escólios de Aristófanes, [...] isto é, o poeta Diágoras ateu que também introduzia novas divindades. Um tal testemunho, oposto às autoridades contrárias, é um mosca oposta a um elefante” (grifos de Bayle.)[“Il ne faut compter pour rien ce que l’on trouve dans les scolies d’Aristophanes, [...] c’est-à-dire, *Le poëte Diagoras athée, qui aussi introduisait de nouvelles divinités*. Un tel témoignage, opposé aux autorités contraires, est une mouche opposée à un elephant”.] *DHC*, II, p. 503. Sobre o processo de Diágoras, há controvérsias quanto à sua data. Ver a respeito, GOMPERZ, *op.cit.*, p. 578, e BURKERT, p.466, nota 35. Ver também ROMER, F.E. “Atheism, impiety and the *Limos Mélios* in *The Birds*”, in: *American Journal of Philology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994, n°115, p. 355 em particular.

Todos os testemunhos históricos convergem para um único ponto: o pensador grego repudiava todo e qualquer conceito de um deus e o fazia *ad extremum*.<sup>11</sup> Segundo a acusação, o ateísmo de Diágoras divulgando e denegrindo os mistérios de Elêusis teria desencorajado aqueles que queriam ser iniciados nos assuntos divinos. Tido como um fora-da-lei, o Meliano buscou refúgio fora dos domínios de Atenas, e os atenienses, por sua vez, tentaram sem êxito a sua extradição para poder fazê-lo cumprir a pena que lhe fora imposta. Entretanto, qual a relação de seu ateísmo com a sua moralidade? Diágoras estava bem ciente da eficácia social da religião, isto é, crer em deuses “instila no homem um medo do qual a sociedade pode fazer uso.” (GOULET-CAZÉ/BRANHAM, 2007, p. 86.) Se o seu ateísmo foi oriundo de um descontentamento com uma experiência pessoal – foi acusado de roubar uma ode e de recitá-la como se fosse sua - percebendo que a providência divina somente recompensa os injustos e condena os justos, tal constatação - suas chamadas “considerações destrutivas”, tradução literal do título em grego de sua obra - em nada o desviam do caminho da moral, pelo contrário, chegou mesmo a ser cogitado para revisar a constituição de Mantinéia, cidade do Peloponeso<sup>12</sup>. Mas, por outro lado, se seu ateísmo foi resultante de sua profanação à divindade<sup>13</sup>, esse episódio mostra, por um lado, como a sociedade grega levava a sério as questões religiosas, não dando margem mínima a um crime de impiedade; mas, por outro, mostra que os tribunais gregos - formados por pessoas comuns e não por quem tinha capacidade para julgar justamente - conduziam os

---

<sup>11</sup> Guthrie assumir que é necessário levar em consideração três coisas: “[...] a necessidade de distinguir a rejeição do politeísmo tradicional da negação de toda idéia de divindade, e, em segundo lugar, o caráter fragmentário e às vezes inconfiável de nossas autoridades para este período, e, em terceiro lugar, a tendência de usar a acusação de ateísmo como arma contra qualquer figura pública que por outros motivos se desejava descreditar.” (1995, pp.219-220.) Segundo Goulet-Gazé, “conceber-se-á facilmente que em um tal clima tenha podido desenvolver-se o ateísmo no sentido o qual entendemos esta palavra hoje. Na Antiguidade, a palavra *atheos* tinha, com efeito, dois sentidos: antes de tudo, significava ‘ímpio’ e designava toda pessoa que não respeitava a religião do Estado ou queria introduzir o novo no domínio religioso. Sob este ângulo, Protágoras, Aristodemo e Sócrates eram *atheoi*. De outra parte, havia seu sentido moderno e servia para qualificar aquele que nega a existência dos deuses. Assim foram declarados *atheoi* ateus notórios como o poeta do século V Diágoras de Melos ou o filósofo cirenaico dos séculos IV e III Teodoro, que foi o mestre do Cínico Bion de Borístenes.” GOULET-CAZÉ, Marie-Odile. *Le cynisme ancien et ses prolongements*. Actes du colloque International du CNRS (Paris 22-25 juillet 1991). Paris: PUF, 1991, pp.125-126. Ver também HOWATSON, M.C. *Dictionnaire de l'antiquité: mythologie, littérature, civilisation*. Trad. par Jeanne Carlier et alli. Oxford: Robert Lafont, 1993, p.1142, em particular; LECLANT, Jean. *Dictionnaire de l'antiquité*. Paris: Quadrige/PUF, 2005, p. 264; e LACARRIÈRE, Jacques. *Dictionnaire de la Grèce antique*. Paris: Albin-Michel, 2000, p. 1296.

<sup>12</sup> Bayle cita esse episódio no verbete dedicado à Diágoras no *DHC*, nota H.

<sup>13</sup> É o que Drachmann afirma: o ateísmo de Diágoras não foi advindo de uma experiência pessoal, mas de sua impiedade aos mistérios de Elêusis, chegando, devido a uma incongruência de datas históricas, a cogitar que existiram dois Diágoras (!) *Op. Cit.*, p. 28.

processos sem muito rigor judicial e influenciados por questões pessoais ou políticas.<sup>14</sup> Dessa forma, são desses poucos episódios históricos que Bayle se valerá para tecer a sua imagem de Diágoras no *Dictionnaire Historique et Critique*, nos *Pensées diverses sur la comète* e na *Continuation des pensées diverses*: o filósofo de Carla colocará o pensador grego no seu escalão dos ateus virtuosos, uma vez que seu ateísmo não foi equivalente à imoralidade.

Façamos uma incursão no verbete “Diágoras” do *Dictionnaire*. Bayle, como de costume em todos os verbetes desta vasta obra, compila todos os dados históricos possíveis sobre o autor comparando as fontes e vendo aí o que há de exato ou inexato. Em suas doze notas – de A à M - Bayle discute a respeito dos mais variados aspectos concernentes à biografia de Diágoras traçada e transmitida pela tradição, desde a data e o local de nascimento<sup>15</sup> até as interpretações mais tardias do pensamento do poeta grego. Contudo, o que nos interessa aqui são as reflexões de Bayle sobre as argumentações, sobre o que há certo ou errôneo nos relatos a respeito daquele que foi um “dos mais francos e dos mais determinados ateus do mundo.” (*DHC*, 1969, V, p. 494).<sup>16</sup>

Na nota C, Bayle cita o primeiro motivo que levou Diágoras a ser ateu: ele adorava fazer versos e compôs um poema o qual um poeta lhe roubara. Ele levantou um processo contra o ladrão e este, por sua vez, mesmo negando que tinha o feito publica a obra, rendendo-lhe grande reputação. Diágoras entendendo que o poeta tinha sido injusto, não sendo punido pelo plágio e tirando-lhe a glória, afirmou que não há

<sup>14</sup> . Sobre o prêmio oferecido a quem prendesse ou exterminasse Diágoras, ver BURKERT, *op.cit.*, p. 316. O comentador afirma que os processos por *asebeia* “tomaram uma nova dimensão quando confrontados com o ateísmo. Do desamparo daqueles que se mantêm ligados à tradição surge uma irritação que pode ser perigosa, especialmente se motivos políticos ou pessoais intervêm como catalisadores.” Sobre os limites do sistema judiciário ático, Leão diz: “Por conseguinte, mantêm-se a dúvida básica em relação aos limites legais precisos em que se poderia aplicar este processo, cenário que tem levado a maioria dos estudiosos a admitir que a multiplicidade dos casos puníveis por *asebeia* é uma consequência natural da elasticidade e vagueza do próprio conceito. Esta interpretação afigura-se ainda pertinente e encontra um paralelo, de resto, nas dificuldades para definir o alcance legal de um processo por *hybris* (‘insolência’), destinado a punir atentados contra a dignidade de outra pessoa. No entanto, a não definição clara da natureza de um crime para qual são estipuladas determinadas penas é uma limitação característica do sistema legal ático, bem como de outros códigos antigos (com a usual exceção de homicídio). Esta circunstância, aliada ao fato de, em Atenas, os tribunais serem conduzidos por cidadãos comuns e não por especialistas, deixava um maior espaço de manobra à intervenção reguladora da comunidade, representada pelo coletivo de juízes, em cujo consciente entrariam em linha de conta posições semelhantes às enunciadas por Platão e Aristóteles nos passos que abrimos esta reflexão. Seria a partir deles que era avaliada a justeza legal de uma acusação de *asebeia*.” *Op. cit.*, pp.3-4.

<sup>15</sup> Ver as notas A e B.

<sup>16</sup> “Ce fut l’un des plus francs, et des plus determines athées du monde.”

providência divina alguma e a inexistência de deuses, escrevendo livros para prová-lo. (*DHC*, 1969, V, p. 496).<sup>17</sup> Contudo, Bayle acrescenta uma reflexão que problematiza tal episódio: o poeta de Melos, tendo perdido a glória esperada devido à obra que lhe fora arrematada, qual seria a necessidade e de que lhe valeria retirar à natureza o seu criador, regulador e conservador celeste? Vejamos a resposta:

Que não digam que a minha reflexão é forçada: convenho que há falsidade nisto e alguma coisa de exagerado. Mas mantenho que Diágoras não raciocinou como o fez se não tivesse uma estima muito particular e uma afeição muito íntima pelo bem que tinha perdido. Eu não sei se a prosperidade de um homem desonesto fez duvidar da providência aqueles que se ressentiam dessa prosperidade ou que, ao menos, não recebiam nenhum mal. (*Id. Ibid.*)<sup>18</sup>

Mesmo Bayle entrevendo que há algo que não é compatível com os próprios fatos, ele atesta: Diágoras só enveredou pelo ateísmo devido à injustiça que sofreu e que tinha uma grande estima por suas obras. Bayle, mesmo questionando se o ressentimento surgido da prosperidade de outrem pode fazer com que se duvide da existência de deuses ou de uma providência divina, lendo a passagem nas entrelinhas, pode-se daí inferir duas coisas: 1) afirmar a inexistência de um deus em nada impede o discernimento do que é justo ou injusto; 2) da mesma forma, não é impeditivo algum para afeiçoar-se ao que é belo e ser sensível à perda de algo que muito se estimava.<sup>19</sup>

Tal questão Bayle a aborda em seu aspecto político. Na nota H do verbete, discorre e reflete sobre o episódio da elaboração de leis por Diágoras ao legislador de Mantinéia, região do Peloponeso, não havendo “nada nesta observação que não seja digno de atenção.” (*DHC*, V, p. 500.)<sup>20</sup> Bayle, criticando como o fato foi relatado na *História Variada* de Eliano, menciona que as leis dos manteneus eram muito justas e tão boas quanto as de qualquer cidade grega.<sup>21</sup> E, de acordo com o mesmo historiador, a opinião vigente na época tais leis foram redigidas por Diágoras, destinando-as a um

<sup>17</sup> Até aqui, Bayle baseia-se em Hésychius Illustrius, parecendo conceder aos argumentos do historiador.

<sup>18</sup> “Qu’ou ne me dise pas que ma réflexion est forcée: jê conviens qu’il y a du faux dans ce tour-là, et quelque chose d’outré; mais jê maintiens que Diagoras n’eût point raisonné comme il fit, s’il n’eût eu une estime très-particulière, et une affection très-intime pour le bien qu’il avait perdu. Je ne sais si jamais la prospérité d’un malhonnête homme a fait douter de la providence à ceux qui se ressentaient de cette prospérité, ou qui du moins n’en recevaient aucun mal.”

<sup>19</sup> Cf. com os parágrafos §179 e §182 dos *PDC*, e *CPD*, §CXLIV.

<sup>20</sup> “Il n’aura rien dans cette remarque qui ne soit digne d’attention”.

<sup>21</sup> *A contrario*, Drachmann sustenta que era impossível a uma cidade grega da época consultar um ateu notório para revisar a sua constituição. (2009, p. 28)

amigo seu chamado Nicodoro. Segundo Bayle, afirma que Eliano dissera que poderia perfeitamente louvar Nicodoro pelo feito, mas que não o faria já que os elogios que lhe seriam feitos poderiam correr o risco de serem atribuídos à Diágoras. E qual seria o fato digno de atenção apontado por Bayle logo no início do verbete? Ele diz:

Eis alguma coisa de notável. Um ateu sem desvio nem reserva, que fornece leis a um Estado tão justas como as de Sólon e como as de Licurgo. Do outro lado, eis um padre que se erige como historiador, e que suprime os louvores que Nicodoro muito justamente mereceu; que os suprime, digo, porque a glória repercutiria sobre Diágoras. Não que Diágoras não fosse digno de participar desses elogios, mas ele negava a divindade e, por conseguinte, não precisaria que o historiador fosse imparcial em sua passagem. Precisaria ser prevaricador das leis da história, pois isto roubaria de um ateu o bem que lhe é devido. Espantar-se-ia menos com uma moral tão depravada, se não pensasse que é um padre pagão que a debita. Pobres pessoas! Veem-se como necessárias a Deus: creem que têm necessidade do uso político que fazem de suas injúrias e de seus louvores. (*Id. Ibid.*)<sup>22</sup>

Eis o paradoxo: como é possível que um ateu supostamente licencioso e sem escrúpulos pôde tornar-se um conselheiro político, sendo equiparado aos maiores legisladores da história? Bayle é pontual: o elogio de tal feito que seria destinado à Diágoras simplesmente foi repudiado pelo fato de ele ser ateu. A descrença do poeta grego foi o motivo da omissão e da arbitrariedade da parte de um religioso, que querendo declamar-se o historiador, projetou seu preconceito empedernido sobre uma questão de fato. Bayle associa tal procedimento a uma questão de ordem moral: não relatar fielmente o bem proporcionado por alguém, além de violar as leis históricas, é roubar o mérito de quem o obteve por uma determinada ação. O filósofo de Carla vai mais além: o que motiva a omissão de certos fatos históricos é justamente o seu uso político, isto é, uma instrumentalização apoiada tanto pela religião como pela política,

---

<sup>22</sup> “Voilà quelque chose de remarquable. Un athée sans détour ni réserve, qui donne des lois à un état aussi justes que celles de Solon, et que celles de Licurgue. D’autre côté, voilà un prêtre qui s’érige en historien, et qui supprime les louanges que Nicodoro a très-justement méritées; qui les supprime, dis-je, parce que la gloire en rejaillirait sur Diagoras, Ce n’est pas que Diagoras ne fût digne de participer à ces éloges, mais il niait la divinité, et par conséquent il ne fallait pas que l’historien fût équitable en son endroit; il fallait être prévaricateur aux lois de l’histoire, puisque cela dérobaient à un athée le bien qui lui était dû. On s’étonnerait moins d’une morale si dépravée, si l’on ne songeait que c’est un prêtre païen qui la debite. Pauvres gens! Vous vous regardez comme nécessaires à dieu; vous croyez qu’il a besoin de l’usage politique que vous faites de vos injures et de vos louanges.” Ver também *ESA*, XIII.

que tem como móbil e fim último unicamente seus interesses particulares e que elogia ou denigre de conforme suas conveniências.<sup>23</sup>

Bayle não deixa de levar em conta que quando um ateu que exerce a justiça, por meio de editos ou leis, é movido por paixões que vão de encontro à piedade e à virtude, seria melhor viver em plena ausência de leis do que viver sob o domínio de um governo dessa espécie. Entretanto, se um ateu chefe de governo estabelece leis e aplica sempre tendo em conta a paz e o bem do Estado, não há motivo algum para censurá-lo ou temê-lo devido à sua descrença nos deuses:

Se aqueles que exercem a justiça, seja pelo estabelecimento das leis seja pela execução dos editos e das ordens do legislador estavam totalmente nos princípios do ateísmo e animados da paixão que contra tudo o que pertence à piedade e à virtude, é certo que valeria mais viver sem leis e sem tribunais do que viver submetido a uma tal jurisdição. Mas se, não obstante seu ateísmo, eles tinham zelo pelo bem público, e esforçavam-se em fazer valer os regulamentos que julgassem os mais apropriados para reprimir os malfeitores, em prevenir as chicanas, manter os direitos das viúvas e dos órfãos, a boa fé no comércio, a concórdia nas famílias, etc., quem duvida que não fosse incomparavelmente mais vantajoso viver sob tais legisladores ou sob tais juizes do que sem nenhuma jurisdição?(DHC, 1969, V, p. 501.)<sup>24</sup>

Ora, o estabelecimento de boas leis e a primazia absoluta pela paz pública e pela prosperidade dos cidadãos jamais dependeu do que um legislador crê ou não crê. Bayle traz à tona mais uma vez a questão das paixões como *leitmotiv* das ações humanas: isto é, seria melhor viver em uma condição na mais absoluta ausência de leis a partir do momento que o temperamento de um governante ou de um legislador

<sup>23</sup> Para Holbach, “a associação da religião com a política necessariamente introduziu uma dupla legislação nos Estados.” *Il bon senso*. Trad. di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985, §173, p. 171.

<sup>24</sup> “Si ceux qui exercent la justice, soit par l’établissement des lois, soit par l’exécution des édits et des ordonnances du législateur, étaient tout ensemble dans les principes de l’athéisme, et animés de passion contre tout de qui appartient à la piété et à la vertu, il est certain qu’il vaudrait mieux vivre sans lois et sans tribunaux, que d’être soumis à une telle juridiction; mais si, nonobstant leu athéisme, ils avaient du zèle pour le bien public, et se piquaient de faire valoir les réglemens qu’ils jugeraient les plus propres à reprimer les malfaiteurs, à prévenir les chicanas, à maintenir les droits des veuves et des orphelins, la bonne foi dans le commerce, la concorde dans les familles, etc., qui doute qu’il ne fût incomparablement plus avantageux de vivre sous de tels législateurs ou sous de tels juges, que sans aucune juridiction?” Ver Plutarco: “Não seria mais útil aos Cartagineses ter desde o início um Crísias ou um Diágoras como legisladores e não crer em nenhuma divindade do que fazer sacrifícios como os oferecidos a Cronos?” (1993, p. 91).

prevaleça sobre questões mais importantes à conservação do corpo estatal. Fazer leis e cumpri-las à luz de paixões perniciosas que façam com que se perca o foco a respeito do que realmente interessa à manutenção do Estado é a *causa mortis* da própria política, sendo o fator principal para a derrocada de qualquer sistema de governo. Bayle diz claramente: Diágoras teve êxito na incumbência que lhe foi atribuída de redigir leis que tivessem em vista unicamente a conservação e a prosperidade do Estado, mesmo rejeitando “absolutamente e sem nenhuma restrição a existência da divindade.” (DHC, 1969, V, p. 503).<sup>25</sup> Opondo provas de fato a conjecturas errôneas e arbitrárias, Bayle arremata na *Continuation*:

Querei-vos Ateus da primeira classe? Vamos indicar, a fim de que não tenhais motivos de lamentardes que em questões de fato propõem-vos uma simples prova de raciocínio, isto é, uma consequência especulativa tirada de um fato. Dir-vos-ei então que Diágoras, que foi chamado O Ateu por excelência, ditou muitas belas leis ao Legislador de Mantinéia. Ele o fez sem ser capaz de discernir o que é justo do que é injusto? (OD III[CPD], p. 396b.)<sup>26</sup>

Bayle assevera que é fato que, no caso de Diágoras, além de ter a mais perfeita noção de honestidade e retidão foi capaz de propor sensatas leis às autoridades políticas de sua época. Não faltou à Diágoras o mais perfeito discernimento entre justiça e injustiça para estabelecer e dar solidez a uma legislação, que é fator fundamental para uma sensata execução das leis. Nesse sentido, se o poeta grego foi o “mais proeminente ateu do quinto século” (BURKERT, 1985, p. 16), suas convicções a respeito da inexistência dos deuses e de uma providência divina em nada o impediram de ser um de conselheiro político, preocupado unicamente com questões importantes para os cidadãos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>25</sup> “[...] absolument et sans nulle restriction l’existence de la divinité.”

<sup>26</sup> “Voulez-vous des Athées de la première classe? On vous en indiquera, afin que vous n’aiez point sujet de vous plaindre, que dans ces questions de fait on vous propose une simple preuve de raisonnement, c’est-à-dire, une conséquence spéculative tirée d’un fait. Je vous dirai donc que Diagoras qui fut surnommé l’Athée par excellence, dicta de très-belles loix au Législateur de Mantinée. Le fit-il sans être capable de discerner ce qui est juste d’avec ce qui est injuste?”

Denunciar a libertinagem dos costumes equivale ao manifesto da ideia que tanto a castidade doutrinal como a piedade nunca foram garantia de uma conduta irrepreensível. Nesse sentido, segundo Hubert Bost, “Bayle apoia-se sobre seus testemunhos para ilustrar a lacuna entre convicções e práticas, para afirmar que a libertinagem dos costumes se acomoda muito bem com a moralidade do discurso e vice-versa.” (2016, p. 282.) Descrever a derrocada e os lugares comuns de um século corrompido, como a banalização dos vícios e inversão dos valores, por exemplo, é típico da época. Nesse sentido, Bayle introduz a figura do ateu virtuoso:

Não vejo de quê os acusam de serem distintos pelos desregramentos de sua vida, tanto como pelas terríveis aberrações de sua razão. Ao contrário, penso que sua vida pareceu tão admirável a Clemente de Alexandria, que este se viu obrigado a registrar como falsa a acusação contra o ateísmo que tinha intentado-lhes. (*PDC*, 2007, §174; *OD III[PD]*, p.110b)<sup>27</sup>

Retirando os ateus dos lugares comuns típicos das apreciações tradicionais acerca do que seja a descrença quando é sempre associada à depravação dos costumes. O reconhecimento de Clemente de Alexandria em relação à racionalidade e moralidade do ateísmo fez com que ele voltasse atrás das suas opiniões infundadas sobre a figura do ateu. Na nota M do verbete do *Dictionnaire*, Bayle aponta justamente o desconhecimento da parte de Clemente de Alexandria sobre a doutrina de Diágoras:

Ele acreditou que Diágoras e alguns outros que passaram por ateus só tiveram essa má reputação porque eles conheciam mais distintamente a falsidade da religião pagã, e ele se espantara que pessoas com uma vida tão regrada como a sua foram difamados como ímpios. Eles não chegaram ao conhecimento da verdade, mas sentiram o erro e esse sentimento é uma boa semente para produzir a luz da verdade. Eis uma doutrina bem diferente da opinião de uma infinidade de pessoas que imaginam que é mais fácil converter à verdadeira religião um pagão supersticioso do que um ateu. (*DHC*, 1969, V, p.502-503.)<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> “Je ne voi pas qu’on les accuse de s’être distinguez par les déreglemens de leur vie, aussi bien que par les égaremens épouvantables de leur raison. Je trouve au contraire que leur bonne vie a paru si admirable à Clément Alexandrin, qu’il s’est crû obligé à s’inscrire en faux contre l’accusation d’athéisme qu’on leur avoit intentée.”

<sup>28</sup> “Il a cru que Diagoras, et quelques autres qui ont passe pour athées n’ont eu cette mauvaise réputation que parce qu’ils connaissent plus distinctement la fausseté de la religion paëenne; et il s’étonne que des gens d’une vie aussi réglée que la leur aient été diffamés comme des impies. Ils ne sont point parvenus, dit-il, jusques à a connaissance de la vérité: mais ils ont senti l’erreur, et ce sentiment est une bonne semence pour produire la lumière de la vérité. Voilà une doctrine bien différente de l’opinion d’une

Ora, conhecer a falsidade de uma religião em nada poderia denegrir a imagem daqueles que, mesmo na impossibilidade de conhecer a verdade, podem ter esse sentimento, relatado por Bayle, dos erros e contradições entre teoria e prática tão comuns entre religiosos supersticiosos. A sutileza do argumento consiste em entender que se um ateu é menos difícil de converter a uma doutrina do que um espírito empedernido é porque o ateu é a figura esclarecida por excelência, pois uma vez que percebeu o erro das religiões vigentes, não tem mais motivo para aderir a um credo paradoxal. Mais do que isso, não é porque ele é aberto a tentar entender diversas doutrinas e opiniões diferentes das suas sobre religião, que ele seja obrigado a aceitar e a abraçar uma religião ou crença quaisquer que sejam elas. Nesse sentido, o epíteto de ateu jamais implicou o de ser imoral, e se Bayle retrata Diágoras como um ateu virtuoso, o faz por meio de todas as fontes e testemunhos históricos que estavam à sua disposição, investigando incessantemente os fatos e, conseqüentemente, desvalidando a fama de depravado que o poeta milésio obteve ao longo da história.<sup>29</sup>

## REFERÊNCIAS:

ARISTÓFANES. *As vespas; As aves; As rãs*. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Librairies, 1737, 4 tomes [Paris: Hachette BnF, 2012.]

\_\_\_\_\_. *Dictionnaire Historique et critique*. Amsterdam, Leyde, La Haye, Utrecht, 1740, 5<sup>ème</sup> Edition, 4 vols. In-folio. [Edição fac-símile.]

\_\_\_\_\_. *Dictionnaire Historique et Critique*. Genève: Slaktine Reprints: 1969.

---

infinité de gens, que s’imaginent qu’il est plus facile de convertir à vraie religion un païen superstitieux, qu’un athée.”

<sup>29</sup> Guthrie afirma: “Diágoras, em particular, nunca aparece sem o rótulo de ‘o ateísta’ afixado ao seu nome. Todavia, se ele defendia o seu ateísmo por argumentos filosóficos, não sabemos nada absolutamente quais eram eles. A única razão alegada pra ele, e que está nas fontes tardias, é moral.” (2007, p. 220).

BOST, H. “Bayle et la retorsion du libertinage”, in: BIANCHI, L./ GENGOUX, N./PAGANINI, G. (éd.) *Philosophie et libre pensée/Philosophy and Free-thought (XVIIe et XVIIIe siècle)*. Paris: Champion, 2016, p. 279-299.

BRUNSCHWIG, J./LLOYD, G. *Le savoir grec: dictionnaire critique*. Paris: Flammarion, 1996.

DRACHMANN, A.B. *Atheism in Pagan Antiquity*. In: <http://www.gutenberg.org/license>, release date, March 11 2009, [Ebook 28312].

GOMPERZ, T. *Greekthinkers: a History of a Ancient Philosophy*. Bristol: Thoemmes Press: 1996, vol. I.

GOULET-CAZÉT, M.-O. *Le cynisme ancien et ses prolongements*. Actes du colloque International du CNRS (Paris 22-25 juillet 1991). Paris: PUF, 1991, pp.125-126.

GUTHRIE, W.C.K. *Os sofistas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

HOLBACH, P.-H.T. *Il bon senso*. Trad. di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985.

HOWATSON, M.C. *Dictionnaire de l'antiquité: mythologie, littérature, civilisation*. Trad. par Jeanne Carlier et alli. Oxford: Robert Lafont, 1993.

JOHANSEN, M. W.. *Belief, fear and manipulation: the intersection of religion and the Athenian legal system in the second half of the 5<sup>th</sup> century BCE*. Burnaby: Simon Fraser Universtiy Library, 2009.

LACARRIÈRE, J. *Dictionnaire de la Grèce antique*. Paris: Albin-Michel, 2000.

LAËRCE, D. *Vies et doctrines des philosophes illustres*. Trad. par Marie-Odile Goulet Gazé. Paris: La Pochotèque, 1999.

LAGRÉE, J. “Athéisme et idolâtrie dans 'l'Éclaircissement sur les athées'”, in: BOST, H./McKENNA, A. *Les “Éclaircissements” de Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2010.

LECLANT, J. *Dictionnaire de l'antiquité*. Paris: Quadrige/PUF, 2005.

LEÃO, D. F. “Matéria religiosa: processos de impiedade (*asebeia*).” In: \_\_\_\_\_; ROSSETTI, L. et alli.(Eds.) *Nomos, Direito e sociedade na Antiguidade Clássica/Derecho y sociedad en la Antigüedad Clásica*. Coimbra e Madrid: Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas, 2004.

MORI, G. “Bayle et Spinoza”(1999, pp. 155-188); FOUCAULT, D.“Pierre Bayle et Vanini”, In: BOST, H./DE ROBERT, P. *Pierre Bayle citoyen du monde: de l'enfant du Carla à l'auteur du Dictionnaire. Actes du Colloque du Carla-Bayle (13-15 septembre 1996)*.

NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. Trad. de João Miguel Moreira Auto e Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2009.

PLUTARCO. *Il fato e la superstizione*. Bologna: Tascabili Economici Newton, 1993.

ROMER, F.E. “Atheism, impiety and the *Limos Mélios* in *The Birds*”, in: *American Journal of Philology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994, n°115.

SCHRÖDER, W. “L'athéisme comme défi pour les pionniers de la liberté de penser: deux athées spéculatifs dans le Dictionnaire historique et critique”, In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012.

TARANTO, Pascal. *Du déisme à l'athéisme: la libre-pensée d'Anthony Collins*. Paris: Honoré Champion, 2000.

UNTERSTEINER, M. *Sofisti: testimonianze e frammenti*. Milano: Edizione Bompiani, 2009.

WINIARCZYK, M. *Diagorae Melii et Theodori Cyrenai Reliquiae*, Coll. BT, Leipzig 1981.